



Resilient Liberalism in Europe's Political Economy

Editado por Vivien A. Schmidt & Mark Thatcher

Cambridge: Cambridge University Press, 2013. (448 páginas)

ISBN: 9781107613973

O significado de liberalismo tornou-se extremamente confuso, quase sem sentido, especialmente em inglês, mas também em outros idiomas, já que os progressistas norte-americanos, de forma notória, colocam-se no lado oposto do espectro político e ideológico em que normalmente se utiliza o termo liberal na Europa, por exemplo. Não obstante, o mesmo ocorre dentro da Europa, onde o termo liberal tem sido utilizado para se fazer referência a ideologias extremamente heterogêneas, quando não incompatíveis. Em diversos países europeus, partidos políticos tanto da esquerda como da direita usam a palavra liberdade nas suas denominações. Isso ocorre também dentro do Parlamento Europeu: o grupo dos chamados democratas liberais, os únicos a usarem a palavra derivada de liberdade na sua designação oficial, reúnem membros de partidos nacionais que apoiam plataformas muito distintas entre si – com as quais, na maioria das vezes, um liberal clássico anglo-saxão dificilmente se identificaria.

Apesar dessa confusão, os professores Vivien A. Schmidt e Mark Thatcher, os editores de *Resilient Liberalism in Europe's Political Economy* [O Liberalismo Resiliente na Economia Política da Europa], escolheram utilizar a palavra com “l” no título do seu livro. Por liberalismo, aqui, eles se referem ao liberalismo clássico (nas suas próprias palavras, “Nós definimos ‘neoliberalismo’, na sua essência, como o comprometimento a certos princípios centrais focados na concorrência de mercado e estado limitado”). Na maioria dos ensaios que compõem o livro, evita-se o possível mal-

-entendido pelo uso de outra expressão, neoliberalismo, que tem se tornado, de fato, muito popular nos últimos anos precisamente¹ por deixar as coisas mais claras.

A hipótese do livro é que as políticas neoliberais fracassaram. A questão de pesquisa ao longo dos ensaios é a seguinte: então, por que elas ainda são tão populares (“resilientes”)? Contudo, respectivamente: têm sido ou realmente são? As políticas neoliberais realmente fracassaram no cumprimento de suas promessas? E o neoliberalismo, ou liberalismo clássico, é realmente tão resiliente assim no discurso político europeu?

Como está claro no título, o foco do livro é a Europa, em especial, a União Europeia; todavia, a maioria dos argumentos expostos, e dos contra-argumentos que podem ser feitos, são perfeitamente aplicáveis ao debate político e intelectual fora da Europa – no Brasil, assim como nos Estados Unidos.

O primeiro ponto a ser observado é que um tipo de onda neoliberal pode ter realmente existido na esteira da queda do Muro de Berlin. O presidente Ronald Reagan (1911-2004), nos Estados Unidos, e a primeira-ministra Margaret Thatcher (1925-2013) – ironicamente homônima de um dos editores –, no Reino Unido, embora muito distantes

^{1*} Resenha traduzida do original em inglês para o português por Matheus Pacini

Aqui utilizei a palavra “precisamente” por ser a tradução direta do termo “precisely”. Há, todavia, certos toques de ironia do autor em outras partes da resenha, o que poderia justificar o uso da palavra “supostamente”. (N. do T.)

das ideias libertárias presumivelmente reverenciadas por muitos leitores desse periódico, incluindo quem vos escreve, têm indubitavelmente exposto bons argumentos em favor da liberdade individual e do livre mercado. Seus mandatos ajudaram a construir um consenso em favor das políticas neoliberais, que provavelmente alcançaram seu ápice em 1989, com o fim do socialismo real e da União Soviética.

Desde então, porém, muitas coisas aconteceram; e a situação da Europa e do mundo atual parece bem diferente em todas as áreas analisadas pelos distintos autores, da política fiscal à função do Estado, das políticas assistencialistas ao papel do Estado, do mercado de trabalho à regulação da concorrência e dos mercados financeiros, da administração do Euro à governança corporativa.

A política fiscal, para citar uma, está a caminho da centralização na Europa, algo que vai de encontro a qualquer possível crença clássica-liberal em favor da competição tributária; da mesma forma, a carga tributária está aumentando em muitos países europeus. Os mercados financeiros, só para citar outro exemplo, estão sendo cada dia mais regulamentados, tanto em nível nacional como continental, sem contar que já estavam sujeitos à interferência massiva do poder político antes da crise.

É de conhecimento geral que a União Europeia tem feito muito em prol da abertura dos mercados de bens, pessoas, serviços e capitais, particularmente graças à jurisprudência do Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE). Contudo, a União Europeia está agora expandindo cada vez mais suas funções, erodindo, de forma gradual, a soberania nacional. Seus burocratas estão agindo de forma sistemática em direção ao objetivo de transformar o atual híbrido em uma união política efetiva. O Tratado da União Europeia, depois das alterações feitas pelo Tratado de Lisboa, agora afirma de maneira explícita que seu objetivo é promover uma “economia social de mercado, focada no pleno emprego e no progresso social”. Dificilmente uma dádiva neoliberal.

Tais dicas já são reveladoras, mas direto ao ponto: o neoliberalismo é tão popular na Europa, como Schmidt e Thatcher (e seus autores) reivindicam? Se um indivíduo analisa, por exemplo, a literatura sobre a crise financeira e suas consequências, essa alegação se torna muito forçada. Entre os acadêmicos é predominante a posição de que ela ocorreu devido à falta de regulação nos Estados Unidos, assim como na União Europeia, demandando mais políticas fiscal e monetária intervencionistas para corrigir o problema.

Mas a mesma tendência pode ser verificada de forma mais ampla no nível intelectual, assim como no político. Apesar da engenhosa técnica retórica usada pelos antiliberais tanto da esquerda como da direita – reclamar com regularidade de estar em uma situação supostamente minoritária, o cerne da questão é que a austeridade é de longe mais aparente do que real, e na verdade, baseada no aumento da carga tributária em vez do corte de gastos públicos. Políticas monetárias expansionistas sem precedentes têm sido adotadas pelo Banco Central – violando o credo neoliberal – independente da interpretação que um indivíduo possa ter; de modo geral, o discurso público, pelo menos em diversos países importantes, tais como a Itália e a França (onde o livro identifica uma tendência crescente “de não liberalismo para o neoliberalismo”), é dominado por propostas de políticas de reestatização de indústrias outrora privatizadas, aumento de impostos (o Sr. François Hollande venceu as eleições presidenciais na França prometendo atacar os ricos com alíquotas de imposto de renda de 75%), renovação das barreiras protecionistas e assim por diante.

Acima de tudo, o que estamos testemunhando na Europa é um renascimento do keynesianismo, ou nekeynesianismo: Schmidt e Thatcher iniciam o primeiro capítulo, depois de uma famosa citação de John Maynard Keynes (1883-1946), com a alegação de que o que está acontecendo na Europa hoje é a “suplantação das ideias de Keynes pelo neoliberalismo”. No entanto, pode-se argumentar que, na realidade, está ocorrendo o

contrário. Não há como negar que, durante os períodos mais dramáticos da crise da dívida soberana, foram tomadas algumas medidas com vistas ao enxugamento do setor público, mas elas estão longe de se tornarem totalmente operacionais e, na verdade, os países que violaram os compromissos de austeridade receberam mais tempo para se adequar às suas obrigações. Resta saber se o chamado Pacto Fiscal, acordo que impõe aos países com a relação dívida / PIB superior ao limite de 60% um corte anual de 5% sobre o valor excedente, será rigorosamente cumprido: uma redução real da dívida pública compensaria parcialmente o que é uma tendência de outro modo esmagadora em direção à expansão do setor público, em detrimento do livre mercado.

Certamente alguém poderia afirmar que o neoliberalismo é surpreendentemente resiliente, mas de forma contrária ao exposto no livro aqui resenhado: apesar de disfrutar de má publicidade por parte da maioria dos acadêmicos, intelectuais e políticos, ainda está prosperando do ponto de vista intelectual – mesmo se pouco aplicado à política diária e frequentemente confundido com o corporativismo.

Possivelmente, o neoliberalismo ainda seja forte porque retira sua força do sistema

que defende – o livre mercado. Na verdade, o que é verdadeira e surpreendentemente resiliente na Europa atual é o próprio livre mercado: mesmo que a intervenção governamental na economia tenha alcançado níveis recorde, mesmo que as políticas fiscal e monetária continuamente reduzam a riqueza dos negócios e das famílias, e mesmo que no verão de 2011 o colapso estivesse próximo, o livre mercado não foi derrotado e ainda está gerando empregos, riqueza e progresso social. Isso é, de fato, surpreendente: teria sido perfeitamente sensato esperar que a crise fosse ocorrer; todavia vemos as economias europeias (com a exceção da Itália e da Grécia) caminhando para uma recuperação parcial. Não obstante, muito otimismo parece inapropriado: se ele continuar a ser restringido e alterado em tal magnitude, mesmo o incrível e resiliente livre mercado não será mais capaz de sustentar um setor público tão inflado. A ironia é que, quando isso acontecer, outros livros serão lançados, culpando a ideologia neoliberal e o sistema de livre mercado. Esperemos que o livre mercado seja resiliente o bastante para enfrentar mais essas acusações, voltando mais forte do que nunca. ∞

Riccardo de Caria

Advogado

Assistente de pesquisas e professor de Ciência Jurídica da Università di Torino

Doutor em Direito pela Università di Torino

LLM pela London School of Economics and Political Science

Graduado e especialista em Direito pela Università di Torino

riccardo.decaria@unito.it